

Língua Portuguesa

INSTRUÇÃO: As questões de números 01 a 03 tomam por base dois sonetos, um do neoclássico brasileiro José da Natividade Saldanha (1795-1830), e outro do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914).

Soneto

Os teus olhos gentis, encantadores,
Tua loira madeixa delicada,
Tua boca por Vênus invejada,
Onde habitam mil cândidos amores:

Os teus braços, prisão dos amadores,
Os teus globos de neve congelada,
Serão tornados breve a cinza!... a nada!...
Aos teus amantes causarão horrores!...

Céus! e hei-de eu amar uma beleza,
Que à cinza reduzida brevemente
Há-de servir de horror à Natureza!...

Ah! mandai-me uma luz resplandecente,
Que minha alma ilumine, e com pureza
Só ame um Deus, que vive eternamente.

(José da Natividade Saldanha. *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*. 1822.)

Soneto

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

(Augusto dos Anjos. *Eu*. 1935.)

Ao abordarem o tema da morte, os dois poemas transcritos, de José da Natividade Saldanha e Augusto dos Anjos, se identificam pelo mesmo sentimento inicial de horror à corrupção do corpo causada pela morte. Leia com atenção os dois sonetos e, a seguir,

- a) aponte a solução encontrada pelo eu-poemático, no poema de Saldanha, ante o horror que a corrupção do corpo da mulher lhe causa;
- b) explique em que medida, no soneto de Augusto dos Anjos, é diferente o sentimento final do eu-poemático ante a pessoa morta.

Resolução

- a) *O soneto de José da Natividade Saldanha antecipa a vertente mística do Romantismo e, nessa direção, sublima o sentimento de horror, provocado pela antevisão da amada morta, espiritualizando o sentimento amoroso e invocando a "luz resplandecente" e a "pureza" através da vigorosa apóstrofe aos "Céus" que inicia o primeiro terceto. Para superar o amor do que é perecível ("uma beleza, / Que à cinza reduzida brevemente / Há-de servir de horror à Natureza!..."), o poeta aspira ao amor de "um Deus, que vive eternamente".*
- b) *Augusto dos Anjos afasta-se de qualquer dimensão mística ou transcendentalista. A declaração de amor à figura paterna – "Amo meu Pai" – projeta o sentimento à "atômica desordem", ou seja, aos elementos biológicos: as "bocas necrófagas" dos vermes que roem o cadáver e a "terra infecta" que cobre o corpo morto. A atração pelo horrendo e a impregnação das idéias científicas do Naturalismo colocam a lírica de Augusto dos Anjos na linha oposta à tradição clássica e à romântica, idealizantes ambas, ainda que de forma diversa. É a isso que se deve boa parte da originalidade de Augusto dos Anjos, entre nós, e da singular posição que ocupa na poesia de língua portuguesa.*

2

José da Natividade Saldanha é considerado um poeta de transição, por apresentar em sua obra a mescla de traços do Neoclassicismo e do Romantismo. Releia seu poema e, em seguida,

- a) indique uma característica do Neoclassicismo nas duas primeiras estrofes do soneto;
- b) identifique, no conteúdo dos dois tercetos, uma atitude do eu-poemático típica do Romantismo.

Resolução

- a) *Além da seleção vocabular e da organização sintática, há a imagem convencional da figura feminina (os "olhos gentis, encantadores", a "loira madeixa delicada") e a aproximação com Vênus, divindade pagã, invejosa dos encantos e promessas da boca da amada.*
- b) *A presença da morte, o horror ao aniquilamento e o desejo de redenção espiritual são constantes do Romantismo que se expressam no poema com subjetivismo intenso, enfaticamente, através de apóstrofes que traduzem ou a emoção de quem diz, ou a intenção de emocionar quem ouve. As exclamações e reticências são os sinais tipográficos desse transbordamento emocional. A concepção espiritualista, a crença em Deus, eterno e onipotente, relaciona-se também a um elemento vital do Romantismo: a retomada do Cristianismo e da inspiração medievalizante.*

3

O emprego pelos escritores de comparações, metáforas, metonímias, sinédoques e outros recursos expressivos pode levar algumas vezes os leitores a ter alguma dificuldade na decifração dos sentidos de versos e frases. Com base neste comentário, releia os dois sonetos e, em seguida,

- a) considerando que a metáfora consiste no emprego de uma palavra por outra com base numa relação de similaridade de sentido, aponte na segunda estrofe do poema de Natividade Saldanha uma palavra empregada metaforicamente;
- b) levando em conta a relação lógica "todo vs. parte" ou "parte vs. todo", defina o sentido da expressão "bocas necrófagas" no décimo terceiro verso do soneto de Augusto dos Anjos.

Resolução

- a) *As expressões empregadas metaforicamente são "prisão dos amadores" e "os teus globos de neve congelada", que indicam, respectivamente, os braços e os olhos.*
- b) *A expressão "bocas necrófagas" configura uma metonímia ou, mais precisamente, uma sinédoque, representando a parte, "boca", pelo todo, verme, que se alimenta de cadáveres (do grego nekros, "cadáver", e phagein, "comer").*

INSTRUÇÃO: As questões de números 04 a 07 tomam por base o poema de Augusto dos Anjos utilizado para as três questões anteriores, uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

Idealismo e Realismo

Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a idéia nova, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a escola realista. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por "naturalismo" ou "arte experimental". Aceitemos, porém, *realismo*, como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.

(...)

Não – perdoem-me – não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer "escola realista" é tão grotesco como dizer "escola republicana". O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.

Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca duma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola – é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...

(Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes.
In: *Obras de Eça de Queirós*.)

Prefácio Interessantíssimo

24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório – questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural – tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Onde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

*

25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e

morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc... Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perfilha a concepção estética de Fichte. Fugamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia... colorida.

(Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas*. 1987.)

4

Uma das linhas de força do Naturalismo é baseada nos princípios mecanicistas e deterministas que influenciaram a cultura na segunda metade do século XIX e que podem ser sintetizadas nas palavras do fisiologista Claude Bernard:

O determinismo é absoluto tanto para os fenômenos dos corpos vivos como para os dos corpos brutos.

(Armand Cuvillier. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*.)

Releia os textos de Augusto dos Anjos e de Eça de Queirós e, a seguir,

- a) considerando que, em seu texto, Eça de Queirós defende e assume os princípios mecanicistas e deterministas na composição literária, explique o que ele quer dizer com a frase seguinte sobre a técnica de composição da narrativa realista: "Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exatos como os da própria fisiologia." ;
- b) localize no soneto de Augusto dos Anjos a estrofe que traduz basicamente a mesma idéia determinista defendida por Eça de Queirós e consubstanciada na frase citada de Claude Bernard.

Resolução

- a) Segundo Eça de Queirós, o artista romântico (pois é ao Romantismo, especificamente, que remete o "outrora" de seu texto) concebia previamente a trama das emoções a serem representadas no teatro ou na narrativa. Em outras palavras, tal trama não nascia da observação e do estudo de casos concretos, mas da imaginação do autor. Contrariamente a isso, o autor realista primeiro se dedicaria à observação metódica e, em seguida, conceberia a trama de sua obra baseando-se em análise pretensamente científica dos dados observados.
- b) A idéia determinista, aparentada à concepção exposta por Eça de Queirós, exprime-se no segundo quarteto do poema de Augusto dos Anjos ("Duras leis...").

5

No fragmento transcrito do *Prefácio Interessantíssimo*, Mário de Andrade aborda, como Eça de Queirós, a questão da composição literária pelo escritor. Depois de reler ambos os textos,

- a) demonstre que a frase de Mário de Andrade que começa em “Esta idealização livre...” defende para a composição literária e artística uma postura teórica diferente da de Eça de Queirós;
- b) explique o caráter “convencional, transitório” atribuído por Mário de Andrade no início de seu texto ao “belo da arte”.

Resolução

- a) *A criação literária, para Mário de Andrade, é “subjetiva”, baseada em “idealização livre” do autor. Eça de Queirós, ao contrário, defende uma postura objetiva, em que a criação artística é fruto da observação e da análise, não da fantasia ou idealização do autor.*
- b) *Para Mário de Andrade, o belo artístico é histórico, ou seja, condicionado pelas condições de seu tempo. Por isso, seria uma “questão de moda”. Assim sendo, a beleza artística é transitória, por mudar com o tempo, e arbitrária, por não obedecer a princípios necessários, já que estes seriam diferentes em cada época.*

6

O uso da terceira pessoa do singular é recomendável para o discurso dissertativo, pelo fato de garantir a objetividade da exposição e da argumentação. Baseado neste comentário, releia o texto de Mário de Andrade e, a seguir,

- a) aponte aspectos de forma gramatical e de conteúdo que provocam perda de objetividade na seguinte passagem do *Prefácio Interessantíssimo*: “Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa”;
- b) reescreva a primeira frase dessa passagem, trocando o sujeito “Outros” por “Cada um” e fazendo as alterações necessárias de acordo com o contexto.

Resolução

- a) *Quanto à forma gramatical, a “perda de objetividade” ocorre no emprego de pronome da primeira pessoa do singular (me). Quanto ao conteúdo, a subjetividade manifesta-se na última oração, “Pouco me importa”, numa clara demonstração de desinteresse pela opinião alheia, postura pouco pertinente num discurso dissertativo.*
- b) Cada um infira o que quiser.

Os processos de coordenação e de subordinação, quando surgem de modo recorrente ao longo de um mesmo período, podem produzir seqüências bastante simétricas, que facilitam não apenas a compreensão, mas também o reconhecimento da própria estrutura sintática adotada. Releia o último período do segundo parágrafo do fragmento de Eça de Queirós e, a seguir,

- indique o substantivo que, repetido simetricamente ao longo do período, apresenta sempre a mesma função sintática nas orações em que se insere;
- fazendo as eliminações de conectivos que julgar necessárias e alterando a pontuação, transforme esse período composto por coordenação e subordinação em três períodos compostos por subordinação também simétricos.

Resolução

- O substantivo que garante a simetria do período é forma, que funciona sintaticamente como núcleo do predicativo do sujeito e é retomado pelo pronome relativo que, na expressão "é a forma ... que".*
- O naturalismo é a forma científica que toma a arte. A república é a forma política que toma a democracia. O positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.*

INSTRUÇÃO: As questões de números 08 a 10 tomam por base uma passagem da peça teatral *O Judeu*, de Bernardo Santareno (pseudônimo de António Martinho do Rosário, 1924-1980) e o poema *O Início do Interrogatório*, do poeta brasileiro Jamil Almansur Haddad (1914-1988).

O Judeu

António José *(Que perde o auto-domínio, desesperado.)*
Nem judeu, nem judaizante eu sou!! Inocente me encontro das culpas de que me acusais! Inocente estou e inocente me afirmarei, até que me matem!!...

2.º Inquisidor *(Violento, tigrino.)* Judeu e judaizante, isso és!! A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras malditas! Judeu e judaizante. E, com o dizê-las, o bafo do Demónio já enche de fedor esta Mesa, esta Casa, Lisboa inteira! Judeu e judaizante!!

Inquisidor-Mor *(Como uma lâmina; febre negra e fria nos olhos.)* Obrigado se acha o preso a declarar, diante deste Santo Tribunal, o nome, ou nomes, da pessoa, ou pessoas, de que aprendeu os erros que ora lhe apodrecem a consciência. Quando e aonde foi? Quais as pessoas que lá estavam presentes? Quais as pessoas com quem comunicou professar os mesmos erros...?

António José Nem judeu, nem judaizante, eu fui, ou sou. (O Inquisidor-Mor faz sinal ao Carrasco. Este vem ao preso, leva-o ao centro de cena e aí o ata, com uma corda, pelos braços.)

Notário *(Que se levanta.)* Em nome dos Reverendos Inquisidores que servem à Mesa deste Santo Tribunal, protesto que se o réu no tormento morrer, quebrar algum membro ou perder algum sentido, a culpa será sua, pois voluntariamente se expõe àquele perigo, que pode evitar confessando suas culpas, e não será dos ministros do Santo-Ofício que, fazendo justiça segundo os merecimentos de sua causa, o julgam a tormento. *(Senta-se. O Carrasco logo puxa a corda que, prendendo António José pelos braços, passa numa roldana colocada em cima, na teia: O preso é assim içado, ficando suspenso no ar.)*

Inquisidor-Mor Da parte de Nosso Senhor, com muita caridade, admoestamos o réu a confessar suas culpas. *(António José, suspenso pelos braços, volta a cabeça, cerrando os dentes. Sinal do Inquisidor-Mor: O Carrasco larga a corda e, deste modo, António José despenha-se no ar em direcção ao pavimento; num golpe súbito, o Carrasco de novo sustém a corda: com o corpo contorcendo-se-lhe todo pela violência do choque e as cordas enterrando-se-lhe nas carnes, o Judeu solta um urro de dor. Pausa nos tratos: António José suspenso no ar.)* Uma vez mais, da parte de Nosso Senhor, pelas Suas benditas entranhas inquirimos do réu: Disposto está a confessar as suas culpas, para descargo da sua consciência, salvação da sua alma e para que se ponha em estado de com ele, neste e em maiores transes, o Santo-Ofício poder usar de misericórdia? *(António José morde os lábios para não falar. O Geral faz sinal ao Carrasco: Recomeçam os tratos de polé.)*

António José *(Ao sofrer, pela 2.ª vez, as dores do tremendo esticão, não se domina: cede.)* Confesso!... Por amor de Deus, tirai-me daqui!... Confesso!... Quanto quiserdes, eu confessarei!... Confesso!... Confesso!...

(Bernardo Santareno. *O Judeu*, narrativa dramática em três actos.)

O Início do Interrogatório

- 1 – Onde é a terra,
Fortificada?
Onde é a Serra?
- Não digo nada.
- 5 – Sierra Maestra
Ela é chamada.
Ao Norte? À Destra?
- Não digo nada.
Glória sem mágoa,
Paixão que exalta.
10 Só sei que é alta
Como o Aconcágua.
- Vou inquiri-lo,
Alma danada,
Ao teu mamilo,
15 Junto o cautério,
Morra o mistério!
- Não digo nada.
Só sei que inunda
A altura acesa.
20 Ela é profunda
Como a pobreza.
- Irei prendê-lo,
De madrugada
25 Ao tornozelo.
- Não digo nada.
Áspera e mansa,
Ela é azulada
Como a esperança.
- 30 – Morres à míngua.
Na hora aprazada
Queimo-te a língua...
- Não digo nada.
35 Ah, não a cita
O poeta Herédia!
Ela é infinita
Como a tragédia.

(Jamil Almansur Haddad. *Romanceiro cubano*.)

Os dois fragmentos transcritos tomam como tema a tortura, prática que consideramos abominável, mas que marca toda a História e ainda hoje se faz presente em mais de um ponto do globo. Releia-os atentamente e, considerando que o primeiro fragmento foi extraído de uma peça teatral e o segundo é um poema,

- determine a função que exercem os travessões no poema de Haddad;
- aponte a razão pela qual muitas frases do texto de Bernardo Santareno são escritas em itálico e entre parênteses.

Resolução

- O poema de Haddad é estruturado por meio de um diálogo entre o interrogado e o interrogador. Isso fica explícito no título, "O início do interrogatório". Dessa forma, para marcar o diálogo entre os interlocutores, o autor inicia cada estrofe com um travessão, indicando a alternância dos falantes.*
- As frases que aparecem em itálico, entre parênteses, são rubricas, ou seja, notações de cena, contendo indicações do autor referentes a atitudes, gestos ou movimentos dos atores (poderiam também, embora não seja o caso no trecho transcrito, indicar elementos do cenário).*

Embora possa ser considerada, ingenuamente, apenas sob o aspecto físico, a tortura é uma prática que não agride somente o corpo de uma pessoa, mas também o seu espírito, sendo, neste sentido, o exemplo mais escabroso da degradação de um homem por outro ou por outros, por motivos que vão desde os puramente individuais e mesquinhos aos políticos, religiosos, policiais, etc. Tendo em mente esta observação,

- identifique o motivo mais evidente da tortura em cada um dos dois textos;
- considerando que a tortura pode efetuar-se do aspecto moral (tortura moral) ao aspecto físico (tortura física), muitas vezes simultaneamente, aponte a diferença que há, com relação a tais aspectos, entre os fragmentos de Haddad e o de Santareno.

Resolução

- Em O Judeu, de Bernardo Santareno, o motivo mais evidente é de natureza religiosa. Ambientado na época da Inquisição, o texto denuncia a intolerância religiosa da Igreja Católica e uma prática comum ligada a essa intolerância: a tortura como forma de obter a confissão. No poema de Jamil Haddad, a tortura é motivada por questões políticas. A cena desenvolve-se em Cuba, no contexto da perseguição aos guerrilheiros revolucionários sediados em Sierra Maestra.*
- Em O Judeu, a tortura realiza-se simultaneamente nos dois planos, o físico e o moral: "A tua pestilenta boca vomitou, enfim, essas palavras malditas! Judeu e judaizante" (tortura moral) e "O carrasco larga a corda e, deste modo, António José despenha-se no ar em direcção ao pavimento..." (tortura física). No poema de Haddad, a tortura opera-se somente no plano físico: "– Morres à míngua / Na hora aprazada / Queimo-te a língua..."*

No poema de Haddad verificamos um fato muito interessante de emprego estilístico das formas de tratamento: o torturador mistura formas pronominais e verbais de segunda e terceira pessoas ao dirigir-se ao torturado ao longo do poema. Essa mistura, que o gramático normativo consideraria um erro, tem, no entanto, justificativa de ordem formal e estilística no poema. Com base nesta informação,

- a) explique a razão de ordem formal e estilística pela qual o poeta utilizou os pronomes átonos na terceira e não na segunda pessoa do singular nos versos 13 e 23;
- b) reescreva a estrofe que vai dos versos 13 a 17, uniformizando o tratamento em uma dessas pessoas.

Resolução

- a) *Nos versos 13 e 23 aparecem pronomes na terceira pessoa acompanhando verbos ("inquiri-lo" e "prendê-lo") que rimam com "mamilo" e "tornozelo". A rima, pois, justifica aqui a escolha pronominal. Nas outras construções, há, pronomes na segunda pessoa do singular, como no verso 32: "queimo-te".*
- b) *Unificando-se o tratamento na segunda pessoa:*
Vou inquirir-te,
Alma danada,
Ao teu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!
Unificando-se o tratamento na terceira pessoa:
Vou inquiri-lo,
Alma danada,
Ao seu mamilo,
Junto o cautério,
Morra o mistério!

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia atentamente os seguintes textos.

Ex-prisioneiro iraquiano diz que sua honra foi esmagada

Bagdá – Haider Sabbar Abed aponta para a foto de um prisioneiro nu, com um capuz e as mãos atrás da cabeça. “Este sou eu”, identifica. Abed foi um dos sete prisioneiros iraquianos que aparecem em fotos em posições humilhantes. As imagens estão no centro de uma tempestade sobre abusos cometidos por guardas dos EUA na prisão Abu Ghraib, de Bagdá. As denúncias de abuso criaram revolta no mundo árabe, irritaram o Congresso dos EUA e fizeram o presidente George W. Bush prometer uma investigação e a eventual punição dos culpados.

Mas Abed, 36 anos – olhando para as fotos mostradas em todo o mundo – disse hoje que uma investigação não servirá de nada para ele. “Vai restaurar minha honra? Minha dignidade foi esmagada”, afirmou ele à Associated Press. “Bush disse que (os guardas) serão punidos, mas quem garante? Seriamente, você acredita que eles serão?”

Nas fotos primeiro mostradas pelo Washington Post e a revista New Yorker, prisioneiros são mostrados nus, com guardas ridicularizando-os e forçando-os a ficar em posições humilhantes.

Os presos têm as cabeças cobertas com capuz, mas Abed se reconheceu nas fotos por tatuagens que tem no corpo.

“Minha mente está afogada com essas memórias ...”, afirmou. Abed diz ter sido preso porque estava de carona num carro que foi parado pelos soldados americanos. O motorista, segundo ele, não tinha documentos. Ambos acabaram detidos.

(*estadao.com.br*, 06.05.2004.)

Abu Ghraib é aqui

SÃO PAULO – Deu na Anistia Internacional, a respeitada organização de defesa dos direitos humanos sediada em Londres: as torturas generalizadas nas delegacias e prisões do Brasil são comparáveis às praticadas mundo afora na chamada “guerra ao terror” dos EUA, tão criticada pelo governo brasileiro.

Eu acho que as torturas aqui são piores. São brasileiros torturando brasileiros na nossa também falida “guerra ao crime”, sem que nenhuma autoridade mova uma pedra para efetivamente mudar a situação, sem que a sociedade civil mostre horror diante do conhecido fato, sem que o Congresso brasileiro, como ocorre com o dos EUA, investigue a fundo o flagelo de pardos, pretos e pobres em nossas jaulas. Mesmo o massacre de 111 detentos no Carandiru, em 1992, passou impune.

Ninguém até hoje cumpriu pena pelas mortes. E o coronel que comandou a operação elegeu-se deputado por São Paulo.

Pela sua total inoperância no plano interno, o governo Lula projeta na sua política externa todo o seu mofado esquerdismo ideológico, amparado na razoável eficiência do Itamaraty. Assim, apega-se à sanguinária figura de Fidel, chancela a política de direitos humanos da China e vê nos EUA um inimigo político, apesar de o país do norte ser o maior comprador de nossos produtos e um dos maiores investidores em nosso país.

Minha sugestão é que o melhor que a esquerda ainda tem a oferecer desde a queda do Muro de Berlim, seu humanismo, seja antes de tudo aplicado aqui mesmo no Brasil.

E que Frei Betto, como assessor especial do presidente Lula, que no domingo escreveu artigo nesta Folha denunciando as torturas praticadas por soldados americanos contra iraquianos na prisão de Abu Ghraib, visite a delegacia mais próxima e faça um outro artigo para denunciar os torturadores daqui. Talvez suas palavras tenham alguma repercussão.

(Sérgio Malbergier. *Folha de S.Paulo*, 27.05.2004.)

Proposição

A tortura a judeus e a pessoas que questionavam a religião católica, durante a Inquisição, a tortura nos campos de concentração nazistas, as torturas a dissidentes ou opositoristas a regimes ditatoriais ou totalitários no mundo moderno (inclusive durante o regime militar de 64 a 85 no Brasil), a tortura a prisioneiros de guerra no Iraque, a tortura praticada "oficialmente" em delegacias de polícia e outros órgãos policiais, todos estes procedimentos se identificam pela negação dos direitos fundamentais da pessoa humana. Os textos que serviram de base às questões de números 08 a 10, assim como os textos acima, colocam, sob diferentes pontos de vista e em diferentes lugares e contextos históricos, a questão do emprego da tortura por instituições para obter confissões, adesões ou, mesmo, para punir pessoas resistentes a determinada religião, ideologia ou regime político que se quer impor pela força. Releia os textos mencionados e, a seguir, faça uma redação em *prosa, de gênero dissertativo*, sobre o tema abaixo, que constitui a transcrição literal do artigo 5.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada e proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948:

NINGUÉM SERÁ SUBMETIDO A TORTURA NEM A PENAS OU TRATAMENTOS CRUÉIS, DESUMANOS OU DEGRADANTES.

Comentário sobre a Redação

Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes. *A partir desse artigo, extraído da Declaração Universal dos Direitos do Homem, o candidato deveria redigir uma dissertação. Como subsídios à sua produção, o vestibulando pôde contar com dois textos apresentados como tema, além de outros dois fragmentos, constantes da prova de Língua Portuguesa. Em todos os casos, tratava-se da tortura, que, embora repudiada por grande parte da humanidade, tem marcado toda a História, fazendo-se presente ainda na atualidade, em várias partes do planeta.*

Além de reconhecer, nessa prática, uma flagrante violação dos direitos humanos, o candidato deveria chamar a atenção para o descaso com que vêm sendo encaradas muitas denúncias de tortura, o que se tem caracterizado como uma inaceitável tolerância em relação ao descumprimento daquilo que está determinado na Declaração de 1948. Caberia, ainda, destacar a adoção, por parte de autoridades brasileiras, de pesos e medidas diferentes quando se trata de condenar a tortura empregada por americanos no Iraque, por exemplo, e, ao mesmo tempo, "fechar os olhos" para os abomináveis métodos investigativos utilizados recorrentemente em delegacias e prisões brasileiras. Para coibir essa prática, seria apropriado sugerir a criação de órgãos competentes – em caso de guerras, até mesmo tribunais internacionais independentes – que impusessem severas penas aos transgressores da lei.

Comentário da prova

Prova que honra a tradição de originalidade e pertinência dos exames anteriores da Unesp. Convocando para as questões autores e textos não-canônicos (José da Natividade Saldanha, Jamil Almansur Haddad, Bernardo Santareno), ao lado dos que compõem o repertório da maioria dos candidatos (Eça de Queirós, Mário de Andrade e Augusto dos Anjos), souberam os examinadores extrair deles aspectos relevantes, nas direções em que se triparte a prova: a compreensão de textos em registros variados, seu revestimento lingüístico e estilístico e aspectos literários essenciais das escolas envolvidas. Prova "aberta", ofereceu ampla possibilidade de que o candidato optasse por vários encaminhamentos, pondo em evidência suas qualidades, habilidades e a solidez de seus conhecimentos.